

DIDATIZANDO A ACENTUAÇÃO GRÁFICA: UMA PROPOSTA DE ATIVIDADE EM SALA DE AULA

Gisleine Mello Varreira da Silva (Autora)
Prof. Dr. Leandro Zanetti Lara (Orientador)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar a metodologia de ensino da acentuação gráfica do português utilizada na Rede Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Para tanto, selecionamos um *corpus* de pesquisa constituído pelos recursos didáticos constantes no livro didático *Português: Literatura, Gramática e Produção Textual*, dos autores Leila Sarmiento e Douglas Tufano, o qual foi analisado no que tange à didatização do tema escolhido, segundo as normas do Novo Acordo Ortográfico. A análise convergiu para uma proposta de trabalho em sala de aula (plano de ensino), que visou dar conta das lacunas, verificadas no *corpus* estudado, quanto a soluções didáticas para o ensino de acentuação gráfica.

Palavras-chave: ensino de português, acentuação gráfica, livro didático.

Introdução

Ao observar, em sala de aula, a falta de intimidade dos alunos no que se refere à acentuação gráfica, o presente trabalho busca propor uma nova maneira de ensinar esse conteúdo, resultado de nossas experiências de ensino na Rede Pública Estadual, no interior do Rio Grande do Sul. Para tanto, este artigo se estrutura em três seções: inicialmente, apresentamos nossa visão sobre como acreditamos ser a melhor forma de abordar acentuação em sala de aula; em seguida, fazemos uma análise sobre como o livro didático *Português: Literatura, Gramática e Produção Textual*, constante do guia PNLD, aborda o tema, em que constatamos uma exposição mecânica e descontextualizada; por fim, desenvolvemos uma atividade para pôr em prática nossa perspectiva de ensino.

Não é novidade que o ensino da língua tradicionalmente se confunde com o ensino de gramática normativa. De um lado, temos o falar, que é coloquial e intuitivo; de outro, o escrever, que é teórico e formal. Ocorre que, com muita frequência, a abordagem proposta

pelos livros didáticos de língua portuguesa contempla apenas uma dessas formas: a escrita, o que prejudica a aprendizagem discente, pois apresenta uma língua elitista, distante do cotidiano do estudante. Com esse modelo, o aluno, desorientado, não compreende por que motivos lhe são apresentadas e cobradas diversas regras, pertencentes a uma língua tão distante de seu dia a dia – aquela língua dos escritores.

Sabemos que o estudante chega ao ambiente escolar fluente em sua língua materna: compreende, ainda que intuitivamente, suas estruturas, articulando-as plenamente. O desafio do professor é, portanto, o de preparar o aluno para que reflita sobre essas estruturas e as empregue adequadamente conforme as diversas situações de comunicação, razão pela qual o ensino de regras desconectado das práticas textuais não tem razão de ser.

Seguindo essa ideia, a partir da experiência em sala de aula da autora, este trabalho irá, na seção 1, sugerir alternativas para contornar essa situação; na seção 2, relatar como a prática escolar ainda está longe de contemplar as propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, no que diz respeito à garantia de aprendizagem da leitura e da escrita de Língua Portuguesa; e, por fim, na seção 3, propor uma atividade para trabalhar a temática de acentuação, de acordo com o proposto por Naujorks e Sturm (2011).

Em nossa experiência de seis anos em sala de aula, percebemos o quanto a abordagem da língua portuguesa pelos livros didáticos se assemelha à forma como as gramáticas o fazem: como manuais normativos.

Neste artigo, queremos tratar, especialmente, sobre acentuação, uma das temáticas em que essa dicotomia se mostra mais evidente. A acentuação é uma entidade que torna uma sílaba, em um vocábulo, mais proeminente do que as demais não acentuadas, de acordo com Mohanan (1986, *apud* MOREIRA, 1997, p. 35). Por sua importância na língua, as gramáticas e, por consequência, os livros didáticos, dedicam precioso espaço a lições sobre o tema.

Sobre gramática, Pagliaro (*apud* BECHARA, 1986, p. 34-35) argumenta que seria melhor se fosse chamada de “epistême, cujo significado abrange conjuntamente o saber teórico e o saber prático”. Essa pertinente definição de Pagliaro, no entanto, não encontra respaldo nas gramáticas, muito menos nos livros didáticos. Estes últimos não citam os saberes de ordem prática, nem trazem explicações que apontem as regras como espelhos daquilo que

já sabemos intuitivamente. Como exemplo, podemos citar o novo acordo ortográfico, que não recebe praticamente nenhuma atenção dos autores das obras, senão para indicar que a redação se dá conforme as novas regras.

Mesmo os autores dos livros mais atuais, que trazem a normatização conforme o novo acordo, não fazem menção às antigas regras. Também não há explicações sobre as razões das mudanças, o que provoca discussões sobre a real necessidade da acentuação gráfica e sobre seus preceitos. De modo geral, o aluno não compreende a função da acentuação, a motivação que a faz necessária no nosso sistema escrito, vindo a aprendê-la mais de forma intuitiva do que de forma racional.

Essa é uma situação comum nas escolas públicas brasileiras. O Instituto Estadual Marechal Rondon, em Butiá, que tomamos como exemplo, utiliza o livro *Português: literatura, gramática e produção de texto*, para o 1º ano do Ensino Médio. Essa obra ilustra perfeitamente as circunstâncias que descrevemos, pois traz apenas as novas regras.

Como estamos em um momento de transição, pois a entrada em vigor do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa – inicialmente marcada para 2013 – foi transferida para o ano de 2016, ainda encontramos muitos textos e obras na própria biblioteca da escola que seguem ora as regras antigas, ora as regras novas. Por essa razão, é necessário que o professor explique aos alunos por que isso ocorre, além de indicar-lhes quais regras devem seguir para escrever conforme a norma culta, conceitos estes não explorados mais pontualmente nos livros didáticos.

Na sequência, faremos uma exposição acerca do que imaginamos que deve ser uma abordagem adequada a essa temática, para, posteriormente, serem confrontadas com uma análise sobre o livro *Português: literatura, gramática e produção de texto*. Em seguida, serão colocadas em prática, na última seção deste trabalho, em que iremos propor uma unidade de ensino, articulando os eixos uso → reflexão → uso, contemplando igualmente as práticas textuais.

1 Pressupostos teóricos

Inicialmente deve-se observar que há mais de um tipo de acento em português. Temos o acento que marca as sílabas tônicas das palavras, quando há necessidade, chamado acento gráfico, como em *última*, *amável*, *café*; temos o acento prosódico que se preocupa com a entonação correta dos fonemas, e estes podem ser marcados pelo acento gráfico (*rádio*), ou não (*cadeira*); e, ainda, o acento entoacional, que diz respeito á frase. No presente artigo nos referiremos ao acento gráfico.

O que sabemos é que em princípio o acento gráfico foi utilizado para distinguir palavras, ou seja, era apenas um diferencial semântico, dizia respeito à significação da palavra e não a marca de tonicidade, como conhecemos atualmente.

A sistematização do uso do acento gráfico com a função de assinalar a sílaba tônica parece ter surgido bem mais tarde, em princípios do século XX, e se patenteia nos estudos ortográficos de Gonçalves Viana. Examinando as “bases fonológicas” do português, para delas deduzir a acentuação gráfica conveniente a adotar, Viana reconhece que:

“vocábulo terminados em *i*, *u*, ou vogal nasal, seguidos ou não de *s*, ou outra qualquer consoante (grifo nosso), teem como sílaba predominante a última em geral: javali, javalis, peru, perus, barbacã, barbacãs, marfim, marfins, atum, atuns, casal, altar, rapaz, painel, mulher, fazer, mudez, fuzil, repetis, perdiz, crisol, amador, taful, Ansur, capaz, sendo *r*, *l*, *z*, as consoantes, que além do *s*, e de *m*, *n* acusando nasalização da vogal precedente, podem determinar vocábulo verdadeiramente português; todavia, em nomes peregrinos, como os bíblicos, por exemplo, são frequentes outras consoantes terminais, e a regra de serem agudos tais nomes prevalece, em geral, também: Joab, Jalad, Isac, Oreb, Zared, David, Jacob, Henoc, Habacuc, Talmud, isto quer essas consoantes se profiram, quer não. VIANA, 1904, p.158” (apud MOREIRA, 1997 p.33)

Esse entendimento sobre o acento ser considerado forma de distinção de sentido dividiu estudiosos, alguns autores chegaram a considerá-lo fonema já que, em alguns casos, ele é a única forma de distinguir o significado como em *sabia*, *sabiá* e *sábia*. Mas como este é colocado de forma não linear aos demais fonemas, é chamado de suprasegmento, segundo Bisol (1999). Como no exemplo acima a posição do acento não pode ser prevista, poderíamos concluir que o acento é apenas uma informação a mais sobre a palavra e deveria ser memorizado, assim como memorizamos a escrita, mas esse pensamento não explicaria a incidência das demais regularidades existentes com relação à distribuição do acento.

Bisol (1999) explica ainda que o Português só aceita o acento de tonicidade, seja ele gráfico ou não, nas três últimas sílabas, ou seja, apenas serão proparoxítonas, paroxítonas ou oxítonas. Há outras línguas em que o acento recai sempre na mesma sílaba, não havendo assim a necessidade de formular regras para saber quando acentuar, basta memorizar a posição, assim como memorizamos a ortografia das palavras.

O grupo das palavras proparoxítonas foi incorporado à língua por uma necessidade artística como aponta Bisol.

Este grupo é constituído principalmente por empréstimo do Latim e do Grego, os quais entraram na língua portuguesa a partir da Renascença, como o surgimento do interesse, por parte dos escritores, artistas e estudiosos em geral, pelo período clássico. Uma evidência do carácter não-nativo destas palavras é o fato de que há uma tendência a regularizar o acento para a posição paroxítona, através do apagamento da penúltima sílaba. (12) abóbora > abobra, árvore > arvi. (Bisol, 1999. p.133)

Podemos concluir, então, que o acento gráfico correspondente à tonicidade proparoxítona tem uma função estilística e é marcado para evitar uma tendência natural de pronunciarmos a penúltima sílaba como sendo a tônica.

No que se refere à acentuação das palavras oxítonas, podemos dividi-las em dois grupos: o primeiro das que têm consoante final (sílabas travadas), as chamadas sílabas pesadas; e o segundo das que não têm, podemos notar esta preferência principalmente nas palavras incorporadas à língua, como nomes de marcas ou artigos comerciais, por exemplo, as palavras: *doril, durex, Brastemp*. Neste caso, o acento especial recai sobre as paroxítonas e não sobre as oxítonas, já que aqui temos também uma questão de frequência de ocorrências: a maioria das palavras que terminam em sílabas travadas são oxítonas em português, como *mulher, assador, bacharel*, muitas formas verbais (infinitivos, etc.); enquanto aquelas que são paroxítonas, por serem mais raras, excepcionais, devem ser marcadas, tais como *açúcar, cadáver, fácil*.

Em relação ao segundo grupo, das oxítonas que não têm consoante final, devemos acentuá-las, pois é um grupo pequeno também um grupo de exceção à regra geral (paroxítona), formado por poucas palavras do português, na sua maioria oriundas de empréstimos vindos das línguas indígenas, africanas e também do francês. Portanto, teríamos

assim a seguinte distribuição entre regra (generalização) e exceção (particularidades) na marcação de acento gráfico em português:

<i>Sílabas livres</i>		
<i>Exceção</i>	REGRA GERAL	<i>Exceção</i>
<i>proparoxítonas</i>	<i>Paroxítonas em a, e, o, em</i>	<i>Oxítonas em a, e, o, em</i>
ACENTUADAS	NÃO acentuadas	ACENTUADAS

<i>Sílabas travadas (l, r, x, n, etc.)</i>		
	<i>Exceção</i>	REGRA GERAL <i>das</i> <i>OXÍTONAS</i>
<i>proparoxítonas</i>	<i>Paroxítonas</i>	<i>Oxítonas</i>
NÃO EXISTEM	ACENTUADAS	NÃO acentuadas

Cabe observarmos que raras vezes é tratado no ensino da acentuação gráfica o fato de que há estas regularidades ou de que há, por exemplo, uma regra geral, regular, à qual se contrapõem outras que marcam as irregularidades.

2 O que a obra *Português: literatura, gramática e produção de texto* propõe sobre acentuação

Na obra da Editora Moderna, o capítulo dedicado à ortografia inicia com uma reflexão sobre a necessidade de uma norma culta para garantir a compreensão do que se fala ou escreve. Em seguida, o autor mostra o significado da palavra ortografia, lista as letras do alfabeto e como empregá-las. As notações léxicas vêm com a seguinte definição: “A língua portuguesa emprega alguns sinais gráficos para indicar a pronúncia correta das palavras e auxiliar na escrita”. Essa definição, brevemente, menciona a pronúncia. No entanto, depois desse ponto, não há nada sobre as características da pronúncia do português brasileiro.

Em um subitem chamado “Acentuação gráfica”, consta inicialmente uma tira “Calvin e Haroldo”, de Bill Watterson, com três questões. Uma de interpretação e as demais usam o texto apenas como pretexto para observar a grafia das palavras. Primeiro ponto que nos chama

a atenção é que se vamos analisar a pronúncia das palavras do português brasileiro (ou PB) por que não utilizar um texto nacional e verossímil? Acreditamos que, antes de passar aos alunos as regras, poderíamos analisar as tendências de pronúncia do PB, mostrando que, na nossa língua, o maior número de palavras são paroxítonas e que as regras são feitas para marcar as exceções.

Feitas essas considerações, são apresentadas as regras, tais e quais se encontram nas gramáticas, os exercícios que seguem também não ajudam a racionalizar seu uso, são exercícios de memorização, como o que segue:

“ 2. Copie o grupo de palavras que apresenta a mesma sequência do modelo quanto à posição da sílaba tônica.

Xará – biquíni – arquipélago

- a) egoísta, refém, freguês
- b) veículo, túnel, álcool
- c) vovô, hérnia, esplêndido
- d) paraíso, ímpar, equívoco”.

No capítulo que segue, pretendemos mostrar que há outra forma de aprender além da memorização das regras observando todas as terminações.

3. Ensino da acentuação

Ao discordar da abordagem apresentada no livro em estudo, buscamos, igualmente, propor uma abordagem alternativa ao assunto, que acreditamos não ser mecanizada como a exposta na obra da Editora Moderna.

Antunes (2007) questiona por que razões uma criança aprende facilmente uma língua, enquanto um estudante tem dificuldades em “aprender” a língua que lhe ensinam na escola. Ora, sabemos que a língua é aprendida naturalmente pelos indivíduos em suas experiências de fala e escrita. No entanto, pelos livros didáticos, importantes instrumentos de auxílio ao docente, a LP é abordada de forma tão fragmentada que nem de longe se parece com a língua que usamos no dia a dia.

A gramática da língua vai sendo aprendida naturalmente, quer dizer, na própria experiência de se ir fazendo tentativas, ouvindo e falando. Não há um momento especial nem uma pessoa específica destinados ao ensino dessa gramática. Ela vai sendo incorporada ao conhecimento intuitivo, pelo simples fato de a pessoa estar exposta à convivência com outros, a atividades sociais de uso da língua, das conversas familiares às situações mais tensas e formais. Ou seja, essa gramática está inerentemente ligada à exposição da pessoa aos usos da língua. A escola virá depois, para *ampliar*. (ANTUNES, 2007, p. 29, grifo da autora)

Deste modo, queremos associar a discussão sobre acentuação aos diálogos sobre os textos, de forma a promover um ensino de língua articulado com as práticas linguísticas. Conforme aponta Moreira (1997), o fenômeno da acentuação fonológica do português se manifesta no conhecimento não aprendido e não ensinado de seus falantes, o que ilustra o impasse que abordamos neste artigo.

3.1 Uma proposta de didatização

Para uma aprendizagem significativa podemos começar fazendo um levantamento dos nomes de objetos que pertencem à sala de aula, observar a incidência de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas e a partir disto tentar formular regras que se encaixem nas palavras pesquisadas.

Feito isto, observaremos que a acentuação se baseia na quantidade de palavras existentes em cada grupo de tonicidade e pretende garantir uma única pronúncia para a palavra. Claudio Cezar Henriques mostra:

Assim, como o menor contingente de palavras portuguesas é de PROPÁROXÍTONAS, a regra determina que todas sejam acentuadas. A seguir, opondo-se os outros dois contingentes, a regra examina quais as terminações com a maior incidência entre as OXÍTONAS e as PAROXÍTONAS e determina o emprego de acento nos grupos minoritários. Por fim, como as questões envolvendo ditongos e hiatos não ficam resolvidas pelas regras básicas, novamente se tomam as ocorrências desses encontros vocálicos para se determinar o emprego de acento nos grupos de menor frequência. Isso explica, por exemplo, por que nos ditongos abertos a regra só menciona ÉI, ÉU e ÓI, que têm menor ocorrência que seus correspondentes fechados: não há em português o ditongo aberto ÓU (existe a pronúncia brasileira [ɔw], mas a grafia é com L: sol [ɔw]) (HENRIQUES, 2012, p.53).

Acreditamos que esta observação aproxima o aluno das palavras e isso favorece seu envolvimento com as atividades. Sabemos que a aprendizagem se dá pela afinidade, pelo comprometimento, pelo desejo de aprender. Então tentamos contextualizar para que a

aprendizagem se dê de forma satisfatória. Pois, como explica Reis (2012), a transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do estudante é considerada ‘invasão cultural’ ou ‘depósito de informações’, uma vez que não emerge do saber popular.

3.2 Aplicação em sala de aula -- proposta de atividade

Após a explanação sobre o que consideramos equivocado no ensino de língua portuguesa, em se tratando de acentuação, e o que acreditamos ser uma alternativa mais adequada, neste item, propomos uma unidade de ensino para a abordagem dessa temática em sala de aula. A partir do trabalho com textos, abrimos espaço para a análise da língua em situações de uso, o que contextualiza o estudo de língua.

Tema

QUEM É VOCÊ

Objetivos

- Leitura e interpretação de textos;
- Proporcionar ao aluno o contato com músicas de diferentes gêneros;
- Identificar os elementos que proporcionam sonoridade: ritmo, rima;
- Produzir paródias;
- Identificação das estruturas acentuadas por meio de suas sílabas tônicas;
- Estudo de vocabulário.

Material necessário

- Letras das músicas “Quem é você?”, do Detonautas e “Construção”, de Chico Buarque;
- Áudio das músicas;

- Dicionários;
- Gramáticas escolares.

Metodologia

- Debate sobre níveis de linguagem;
- Definir do que se trata a licença poética;
- Identificar nas músicas qual a maior incidência de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas;
- Exposição sobre acentuação;
- Racionalizar sobre o uso da acentuação gráfica;
- Identificar as tendências de acentuação do português brasileiro;
- Debate sobre a necessidade de acentuar as palavras;

Duração: seis horas-aula

Desenvolvimento

Inicialmente, ouvir as canções “Quem é você?”, do Detonautas e “Construção”, de Chico Buarque, em seguida distribuir, ao grupo de alunos, as letras das músicas para discutirmos sobre qual será a finalidade de cada uma delas, podemos realizar questionamentos como: quem as escreveu; para que público se destinam; se a arte pode ser vista como uma forma de registro da sociedade, que tipo de sociedade as letras estão retratando (há algo de comum entre elas?); se as situações narradas são verossímeis; considerando as datas de composição das músicas a que conclusão podemos chegar em relação a sociedade atual.

Depois que os alunos expuserem suas opiniões sobre o tema das músicas selecionadas, podemos iniciar uma conversa sobre variação linguística. Os estudantes são convidados a explicarem que linguagem as músicas empregam: formal, informal – justificando suas opiniões – e em que tipos de situações podemos nos valer dessas variações. O professor questiona em que ambientes, com que interlocutores os discentes utilizam linguagem

semelhante. Com isso, iniciaremos uma discussão que visa a conscientizá-los sobre como a língua que utilizamos se relaciona com a situação comunicacional.

Em seguida, os discentes são orientados a destacar termos das músicas, indicando quais estão escritos em um português formal, quais em português informal. Feito este primeiro contato, o professor os divide em grupos, de 4 alunos, quando cada um dirá com que música quer trabalhar. Cada grupo escreverá uma paródia, em português formal, essa nova música deverá conter a opinião do grupo sobre a interpretação feita anteriormente. Feitas e apresentadas as paródias, os grupos relatarão como fizeram para construí-las: quais as modificações que precisaram fazer, se as palavras tiveram o mesmo número de sílabas, se a posição da sílaba mais forte influenciou nas escolhas etc.

Depois desse momento, o professor solicita aos alunos que indiquem, nas letras e nas paródias, a incidência de palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas, incentivando uma conversa sobre a necessidade da acentuação gráfica, expondo as regras de acentuação, anteriores ao último acordo ortográfico e suas modificações após o mesmo. Mostrar a incidência de proparoxítonas na música *Construção*, feita de forma proposital e que na última estrofe as rimas se dão por palavras oxítonas com sílabas finais pesadas. Por fim, realizando exercícios não só de fixação das regras, mas também que nos ajudem a pensar sobre a sonoridade da nossa língua.

Conclusão

Vimos, com este trabalho, que o livro didático trata do assunto, acentuação, de forma mecânica, mostrando apenas das regras sem dar atenção à pronúncia das palavras, ou seja, fora de contexto. O que dificulta o processo de aprendizagem discente.

Através do estudo das teorias fonológicas, que mostram a lógica existente por trás das regras, normalmente decoradas, tentou-se criar uma proposta de atividade que torne o ensino/aprendizagem mais significativos para os alunos.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Ática. 104p.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática**. São Paulo: Ática. 1986.104p.

STURM, Ingrid e NAUJORKS, Jane. **Iniciação à docência em letras: experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Fonética, Fonologia e Ortografia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e Fonologia do português**. São Paulo; Contexto, 2013.

SARMENTO, Leila Lauar e TUFANO, Douglas. **Português: Literatura, Gramática e Produção Textual**. São Paulo: Moderna, 2010.

REIS, Cristiane. **Método Paulo Freire**. Disponível em <http://ensinareaprender.crisreis.blogspot.com.br/2012/11/metodo-paulo-freire.html>. Acesso em 04/03/2014.

<http://www.vagalume.com.br/detonautas-roque-clube/quem-e-voce.html>

Anexos

Quem É Você?

Detonautas

Compositor: Tico Santa Cruz

Você trabalha feito um burro de carga
Puxando um sistema podre que é bancado com o seu suor
E sexta-feira vai pra igreja comungar com a sua família
A voz sagrada, Jesus Cristo é o senhor
E deixa parte do salário em retribuição
À dádiva divina da palavra do pastor
É melhor garantir um lugar no céu
Aqui nesse inferno tenta só sobreviver
E o que salva é a cervejinha no fim de semana
Assistindo o jogo do seu time preferido na tv

Segunda-feira o seu filho tá em casa
Porque a escola onde estuda não tem nenhum professor
E o professor está na rua apanhando da policia
Tá cobrando seu salário lá do governador

Enquanto isso numa casa confortável
Uma família abastada reunida assiste televisão
E praguejando fala mal de quem
Tá na rua enfrentando e dando a cara
Pra lutar contra a situação

O fura-fila que entrou na sua frente
Conseguiu ser atendido muito antes de você
E aquele cara que foi reclamar do caso
Chamaram de barraqueiro, que não tinha o que fazer

A sogra dele há semanas na espera
Vai pensando que já era
Não consegue o leito num hospital
E na favela aquela guerra
Continua traficante e a polícia no controle social

Mas

Quem é você?

Quem é você?

Quem é você?

Tu fuma um beck e é chamado de financiador
Por um senhor que toma uísque e bate na mulher
E nego enche a cara no fim de semana
Sai de carro dirigindo mata cinco e puxa o carro e sai de ré

A gente gasta são seis meses de salário
Dando tudo pro governo e não tem quase nada em troca
E o governo vai tomando e gastando
Seu dinheiro eles são o parafuso, e você é a porca

Já foram mais de 500 anos dessa história
Não mudou tanto assim desde a colonização
A diferença é que hoje o colonizador
É aplaudido num programa de televisão

A gente acha como se por um milagre
Deus, no auge da bondade, fosse um dia interceder
Enquanto esse dia não chega, a gente vai aceitando
E esperando alguma coisa acontecer

Mas
Quem é você?
Quem é você?
Me diz
Quem é você?
Quem é você?

O teu avô que trabalhou a vida inteira
Dia e noite, noite e dia, até se aposentar
Recebe agora uma miséria de salário
Fica 10 horas na fila esperando e não pode reclamar

Mas as crianças vão crescer e o futuro do Brasil
Por algum dia deverá ser bem melhor
Só que o problema é que as crianças
Estão crescendo com seus pais longe de casa
E mais ninguém ao seu redor

Eu não queria te dizer, mas eu vou ter que te falar
Tu é esperto mas tá sendo passado pra trás
E pode ser que quando tu percebas isso lá na frente
Já seja tarde demais

Agora dance, agora dance
Mão na cabeça, mão no joelho
Fica de quatro, não pode parar
Agora dance, dance, dance, dance, dance
Mãozinha pro lado, bundinha pro outro
Se finge de morto e não pare de dançar
Agora dance, dance, dance
Mão na cabeça, mão no joelho
Fica de quatro, não pode parar
Agora dance, dance, dance, dance
Mãozinha pro lado, bundinha pro outro

Se finge de morto e não pare de dançar

Quem é você?
Quem é você?
Mas quem é você?
Quem é você?

Construção

Chico Buarque

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música

E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão prá dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague
Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
Deus lhe pague Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
Deus lhe pague

Atividades:

1. A partir das músicas ouvidas e lidas responda:

- a) A música é uma representação cultural que carrega a identidade da sociedade de seu tempo, a que época pertencem as músicas vistas? O que podemos identificar de semelhante entre elas? Por quê?
- b) Desde a pré-história a arte atua como forma de registro das sociedades, se entendemos a música como arte, então que sociedade está sendo representada pelas letras vistas? Justifique sua resposta.
- c) Considerando a época e seus autores, o que podemos dizer sobre a linguagem empregada em cada uma delas? Qual dessas variações é objeto de ensino na escola? Em que situação podemos nos utilizar de linguagem informal?

- d) Identifique nos textos um exemplo de utilização de linguagem formal e um da utilização de linguagem informal.
- e) Preencha o quadro que segue com o número de palavras encontradas em cada texto, lembrando sempre que palavras monossílabas não são consideradas oxítonas.

Quem é você

proparoxítona	paroxítona	oxítona

Construção

proparoxítona	paroxítona	oxítona

- f) Na música “Construção” o autor usa proparoxítonas no fim de cada verso, mas na última estrofe ele conclui os versos com uma oxítona, a que você atribui tal escolha?
2. Acentue quando necessário e justifique a presença ou ausência do acento:
- a) Andaimés
 - b) Pague
 - c) Bebado
 - d) Descobrir
 - e) Redimir
 - f) Família
 - g) Confortável
 - h) Tenta
3. Passe para o plural as palavras que seguem; acentue, se necessário; diga se a posição as sílaba tônica mudou e porque regra
- a) Mulher (mulheres, mostrar que a última sílaba continua pesada, portanto oxítona);
 - b) Tijolo (tijolos, muda de o fechado para o aberto, mas a grafia é a mesma);
 - c) Milagre
 - d) Papel
 - e) Troféu